

MARÉS E MEMÓRIAS: ENTRE RANCHOS E CURRAIS, NARRATIVAS TECIDAS POR VELHOS PRAIEIROS

TIDES AND MEMORIES: BETWEEN RANCHOS AND CURRAIS, NARRATIVES WOVEN BY OLD PRAIEIROS

MAREAS Y RECUERDOS: ENTRE RANCHOS Y CURRAIS, NARRATIVAS TEJIDAS POR EL VIEJO PRAIEIROS

AMORIM, Amós

BARBOZA, Roberta Sá Leitão

BARBOZA, Myrian Sá Leitão

RESUMO

Esse artigo expõe o simbolismo do curral e do rancho de pesca na construção da cultura dos praiheiros da costa de Urumajó em Augusto Corrêa no Pará, tendo como objeto de pesquisa as memórias entre passado e presente em torno desses elementos histórico-cultural. Desse modo, o objetivo do trabalho é entender qual a importância dos dois símbolos para os praiheiros, na perspectiva da pesca artesanal e na vida cotidiana desses. Portanto, através da História oral registraram-se as memórias de cinco pescadores que apresentam a partir de suas narrativas as mudanças ao longo dos anos desse processo de construção e uso dos currais e ranchos de pesca atualmente. A partir dessa pesquisa foi possível compreender a importância desses símbolos na cultura da pesca artesanal e como esse elo tão importante está se perdendo no contínuo processo do tempo e interfere na vida cotidiana da pesca.

Palavras-Chave: Memórias. Pesca Artesanal. Rancho. Curral.

ABSTRACT

This article exposes the symbolism of the corral and the fishing ranch in the construction of the culture of the praiheiros of the coast of Urumajó in Augusto Corrêa in Pará, having as object of research the memories between past and present around these historical-cultural elements. In this way, the objective of the work is to understand the importance of the two symbols for the beach people, in the perspective of artisanal fishing and in their daily life. Therefore, through oral history, the memories of five fishermen who present from their narratives the changes over the years of this process of construction and use of currais and fishing ranches were recorded today. From this research it was possible to understand the importance of these symbols in the culture of artisanal fishing and how this very important link is being lost in the continuous process of time and interferes in the daily life of fishing.

Keywords: Memories. Artisanal Fishing. Ranch. Corral.

RESUMEN

Este artículo expone el simbolismo del corral y del rancho de pesca en la construcción de la cultura de los praiheiros de la costa de Urumajó en Augusto Corrêa en Pará, teniendo como objeto de investigación las memorias entre el pasado y el presente en torno a estos elementos histórico-culturales. De esta forma, el objetivo del trabajo es comprender la importancia de los dos símbolos para los balnearios, en la perspectiva de la pesca artesanal y en su cotidiano. Por ello, a través de la historia oral, hoy se registraron las memorias de cinco pescadores que presentan desde sus narraciones los cambios a lo largo de los años de este proceso de construcción y uso de los currais y estancias pesqueras. A partir de esta investigación se pudo comprender la importancia de estos símbolos en la cultura de la pesca artesanal y cómo este eslabón tan importante se va perdiendo en el proceso contínuo del tiempo e interfiere en la cotidianidad de la pesca.

Palabras clave: Memorias. Pesca Artesanal. Estância. Corral.

INTRODUÇÃO

As comunidades pesqueiras do litoral brasileiro mantêm uma forte ligação com o mar, suas sazonalidades e intempéries, pois deste ambiente obtêm os recursos necessários para a manutenção dos seus modos de vida através da pesca artesanal com uma infinidade de saberes-fazeres relacionados ao seu cotidiano que estas populações constroem e reconstróem seus territórios e suas territorialidades (NASCIMENTO, 2012).

Diegues (2004) aponta que o mar em sua construção histórica é explorado por povos e grupos sociais, que se apropriam como material simbólico e político, construindo assim, sua identidade a partir de suas singularidades. No território da costa de Urumajó, especificadamente esses se consideram povos praiheiros¹ e tem a pesca artesanal realizada por meio do conhecimento tradicional a partir da vida cotidiana, sendo viventes à beira de rios e mares que existem e resistem há décadas, através dos recursos naturais advindos do mar.

Para Haesbaert (2014) o território é sempre múltiplo, diversos e complexos, principalmente quando está diretamente ligada à apropriação da natureza pelos sujeitos que configuram o espaço ocupado, são indivíduos que se organizam em grupos sociais que estabelecem relação de troca de experiências, vivências, e conhecimentos tradicionais.

No entanto, existem nesses territórios normas políticas que colocam algumas técnicas tradicionais especialmente as que têm enraizamento na região costeira, como as de curral em risco pois não são praticadas com tanta intensidade, resultadas de proibição legal, essas são aos poucos esquecidas por uma nova geração de praiheiros. É perceptível na fala dos interlocutores o afastamento, dos mais jovens, da atividade pesqueira. Situações de distanciamento dos jovens têm sido observadas entre outras populações tradicionais ao longo do litoral brasileiro (PAIOLA; TOMANIK, 2002; NASCIMENTO, 2012; RAMALHO, 2012; NASCIMENTO ET AL, 2016).

Na costa de Urumajó, os filhos dos entrevistados na maioria deixaram de ter a pesca como atividade econômica principal, alguns iniciaram novas atividades econômicas. Essa mudança pode ter sido resultado das novas tecnologias, a velocidade na qual as informações circulam, o encurtamento das distâncias tem gerado muitas influências globais nas ações locais, principalmente entre os mais jovens, o que pode gerar conflitos políticos e culturais que são fatores que fertilizam o processo de desenvolvimento local (MILANE, 2014).

É perceptível nas narrativas dos praiheiros que essas mudanças na vida dos seus filhos, dar-se-ão também por uma questão física, pelo trabalho pesado da atividade pesqueira, resultado da mobilidade para pesqueiros cada vez mais longe. Por isso, as famílias dos praiheiros que ainda mantem uma relação sociocultural, são inseridas em um mercado capitalista que enfatiza a força de trabalho de pescadores, os coagindo a explorar de forma mais intensa seus pesqueiros em busca de vantagens de lucro (DIEGUES, 2004).

Nesse sentido, Haesbeart (2014) dar ênfase ao fim do território pelo capitalismo, ocasionado pela intensa reprodução do capital. Corroborando, Ramalho (2012) enfatiza que o ato de ser um pescador artesanal é uma recriação que transfere no tempo e no espaço, valores que fortalecem, sobretudo, a identidade, a cultura, ainda que o *modus operandi* do capital tente colocar a pesca como uma atividade menos importante para as novas gerações. Fortalecendo desse modo, o interesse por pesquisas que apresentem as problemáticas acerca das transformações culturais da pesca como a que abordarei nesse artigo.

PERCURSO METODOLÓGICO E LÓCUS DA PESQUISA

Essa pesquisa, a *priori* se deu por um aporte teórico relacionado a produções que retratem território e

¹Os entrevistados se identificam como povos de praias, chamados de praiheiros, por uma questão de identidade histórica construída a partir da ocupação dos espaços costeiros em que se contrapõem entre ser de ilha e ser de praia, esses caracterizam seus espaços de moradia como praias e não ilhas, sendo ilhas os lugares de referência para a pesca na percepção deles.

pesca artesanal, buscando desse modo, um método com um enfoque qualitativo, que trouxesse dos interlocutores, aspectos volutivos e emotivos da ação humana, ao mesmo tempo, identificando assim o lugar social desses (GARCIA et al, 2003). Desse modo, o método utilizado teve como conceito a técnica de pesquisa “história oral” que possui uma importância para as relações entre memória e história, ou seja, a partir desta metodologia, compreende-se a história de vida contadas (CALVO,2010), assim, foi possível se criar embasamento para o conhecimento do cotidiano, da vivência e da historicidade que envolve o processo de construção simbólica dos ranchos e dos currais.

Neste sentido, as entrevistas foram embasadas em Bauer e Gaskell (2015) contendo quatro fases: a “iniciação”², “a narração central”³, o “questionamento”⁴ e finalizando com a fase “conclusiva”⁵. No tocante, as informações coletadas nas entrevistas foram analisadas a partir da perspectiva da interpretação apresentadas por Marconi e Lakatos (2003), realizado comparativo dos relatos narrados pelos interlocutores, construindo assim uma memória coletiva que fortalece suas identidades.

Delgado (2003, p. 19) afirma que “a dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”. O que é evidenciado em De Paula e Silva (2020), sobre a importância de ouvir os povos tradicionais a partir de suas narrativas para configuração de suas identidades, nesse caso a identidade de ser praieiro.

A partir desses critérios, esse estudo expõe a seguinte pergunta norteadora: Como os praieiros caracterizam a partir dos aspectos socioculturais e simbólicos, os currais e os ranchos de pesca que ainda prevalecem no espaço e no tempo formado a partir de estratégias para a pesca? Para compreensão desse questionamento, esse estudo tem como objeto principal as memórias de cinco praieiros e pescadores da comunidade de Perimirim, Lócus da pesquisa, localizada a 9 km da sede do município de Augusto Corrêa-Pará. As entrevistas foram realizadas durante a produção da monografia da especialização em Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia do Instituto Federal do Pará-IFPA, e a partir da pesquisa para a produção da dissertação do mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia da Universidade Federal do Pará-UFGPA.

Em ambos os campos, entre alguns pontos relevantes, percebi que os interlocutores pontuavam a construção de ranchos e currais como algo importante na sua identidade, mas que atualmente apresentavam transformações não somente no seu modo de saber-fazer, mas, nas formas de uso. Nesse processo, foram selecionadas das ambas, as pesquisas de campo, as entrevistas dos praieiros que mais enfatizavam o foco do estudo.

Nesse trabalho, apresento os interlocutores com seus nomes de praieiros⁶, essa identificação é para eles parte da identidade de pescador. Sendo esses: Seu Mané Curica, primeiro mestre de barco da comunidade; Dioró, um pescador artesão e seu tio Vavá, mestre carpinteiro; Mendes e Chico Cardoso, velhos companheiros de currais e pescadores aposentados. Ambos foram os interlocutores da pesquisa e fonte de informações vivas sobre currais e ranchos.

E nesse contexto, busca-se entender a identidade dos praieiros com base em Silva (2000) partindo dos

2- Onde se faz necessária à autorização para a realização da entrevista e para a gravação dela, para a melhor análise das informações posteriormente, com a transcrição e convenção dos dados.

3- O entrevistador fica atento a todos os detalhes seja na fala, no olhar ou nos gestos do interlocutor; e deixa o mesmo à vontade no seu lugar de fala, e espera o sinal de que finalizou a narrativa.

4- O entrevistador se aprofunda na fala do interlocutor, para obter mais informação sem interferir na mesma, procurando mais detalhes sobre o que foi relatado.

5- O entrevistador desliga o gravador e busca informações extras para contribuir com a análise dos dados.

6- Todo morador da praia tem nome praieiro, dificilmente alguém é conhecido no lugar pelo seu nome de registro. Esse é um costume que inicia muito cedo, ainda criança os familiares começam a decodificar por alguma aparência, modo de falar, atitude, ação que contribui para a criação e registro do nome praieiro, muitos deles surgem na própria prática da pesca por companheiros de trabalho.

seus estudos onde conceitua identidade como simplesmente aquilo que se é, pois, para o autor a mesma só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente, não podendo ser considerada como algo natural, pois, é formada pelo ato de criação. E com base nisso, esse artigo traz a importância dos ranchos e dos currais para a identidade dos praiheiros e apresenta memórias do passado sobre o processo de construção desses símbolos, e como esses se configuram na contemporaneidade da pesca artesanal.

Portanto, trago o título: **MARÉS E MEMÓRIAS: ENTRE RANCHOS E CURRAIS, NARRATIVAS TECIDAS POR VELHOS PRAIEIROS**, com o intuito de enfatizar, que os ranchos e os currais no território são símbolos importantes para a pesca artesanal e que vêm aos poucos sofrendo transformações interessantes, que deixam em foco o tradicional processo de construção a partir do compadrio somente nas memórias dos antigos praiheiros.

TECENDO MEMÓRIAS DE MARÉS: O CURRAL, O RANCHO E O PRAIEIRO

A atividade da pesca nos rios e nas marés da Amazônia brasileira, em especial em comunidades costeiras da região do salgado paraense, apresentam na contemporaneidade, impactos socioculturais com o avanço da pesca industrial e do turismo, gerando conseqüentemente a perda de costumes e técnicas tradicionais (MANESHY, 1995; QUARESMA, 2003; ROSA, 2007; NASCIMENTO, 2012; AMORIM; CAMPOS, 2019).

Essa tradição sociocultural e econômica é amarrada nas memórias de pescadores envelhecidos, e formam histórias com relações de tempo, lugar, cultura e linguagens. É interessante como essas “memórias de marés”⁷ vão construindo relações desses sujeitos com a natureza, com seu lugar, seu cotidiano e seu trabalho. E nesse sentido, surge a importância de reportar a história oral desses, para conhecer a lutar por seu espaço, suas identidades e seus símbolos.

Portanto, a compreensão dessas relações dar-se-á a partir da história social formada nesse território, tendo como ponto de partida, as imagens do passado que reforça a identidade individual e coletiva dos praiheiros e seus conhecimentos tradicionais. Com isso, a memória nesse processo é tratada como objeto da história (MENESES, 1992).

A memória passa a ser registrada a partir dos relatos de experiências dos praiheiros fora do contexto político-social, mas interligado ao sentido cultural e identitário. Essas memórias, segundo Calvo (2010) são compostas nestes atos enquanto prática reflexiva nas relações construídas ao longo do tempo, em determinados espaços sociais. É importante compreender então que a memória individual pode ser a memória coletiva, e apresentar fatos importantes para se compreender uma sociedade a partir de várias gerações (HARTMANN, 2011).

É nesse sentido, que Matos e Senna (2011), afirmam que a partir da memória humana, se tem a capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. No mesmo viés, Halbwachs (1968) enfatiza que toda memória é coletiva, e como tal, ela compõe um elemento importante da identidade, da percepção do seu individual e do seu social.

Neste contexto, cada interlocutor, embora tenha vivido no mesmo tempo e espaço, narrará suas memórias com especificidades, e a partir do seu olhar, tendo nas lembranças a imagem guardada que é imposta pelo meio, tempo e espaço no qual o fato ocorreu. Nesse sentido, Delgado (2003) traz uma reflexão quanto à importância das memórias individuais para a construção da história de povos tradicionais, formando embasamento para que a partir das memórias dos interlocutores seja possível compreender a sociedade costeira de Urumajó e suas relações no tempo e no espaço, a partir dos ranchos e dos currais no território.

Para os praiheiros, a relação com o território é como um pilar central de formação do pescador, sendo para eles, de uma grande significância, visto que, a pesca artesanal, nessa região ainda expressa características de respeito, compadrio e pertencimento ao espaço marítimo. Como discorre seu Dioró, um

7- Essas memórias são experiências relacionadas à vida e à territorialidade desses povos, com suas características culturais de pesca, sejam no uso dos artefatos, das técnicas ou do compadrio, das etno-relações ou na mobilidade nas águas dos rios.

dos entrevistados “ela é a raiz de nossas vidas, a vida do pescador”. O praieiro relata que embora a idade avançada dele e de outros pescadores, inclusive seu tio Vavá, a pesca está para além da força, está no sangue e, é isso que impulsiona esses homens das marés, a importante vontade de pescar.

A partir das narrativas orais dos interlocutores, foi possível se compreender uma infinidade de aspectos sociais e culturas que constroem uma identidade e uma relação de pertencimento com seu território. Segundo Hartman (2011, p. 59) “as narrativas simbolizam, representam e estetizam a realidade, assim como organizam e veiculam os saberes que constituem e são constituidores da cultura a que pertencem”. Uma vez que, um indivíduo quando se recorda um passado tem lembranças de um passado coletivo, pois não existe acontecimento no qual somente um teve conhecimento (HALBWACHS, 1968).

Ao olhar sobre si, os praieiros contribuí para a sua própria percepção cultural, como destaca Vavá: “minha identidade de pescador e meu saber da pesca vem a partir da primeira geração com a pesca, lutando e pescando, pra poder sobreviver”. Quando questionados sobre a formação de pescador ambos os interlocutores narram histórias parecidas de transmissão dos saberes pelos mais antigos:

[...] Eu apreendi com meu pai. Meu pai era pescador e todo tipo de traços de pescaria ele tinha nesse tempo, agora tá diferente é outros tipos de pescas, mais meu pai **era pescador mesmo**, ele criou filho, criou família, com tudo, com a luta da pesca (VAVÁ, 2021).

Na fala de seu Vavá, destaco na narrativa “era pescador mesmo” quando este se refere ao seu pai, foi possível identificar que a identidade e a alteridade a quem o repassou o conhecimento são fortemente marcadas em seu discurso. Essa construção de saberes se dava pelo olhar, pela observação das práticas e das técnicas usadas na pesca, da vivência nas águas das marés, dos horários propícios ao lance da rede, dos lugares piscosos para a construção de rancho, de currais e de outros elementos culturais que formam a identidade de praieiro no território.

É relevante nesse sentido, se atentar a importância do conhecimento tradicional e como ele se mantém vivo, ao longo dos anos a partir das transmissões de uma geração a outra através da mobilidade desde a infância para a pesca. O praieiro Curica define esse processo como “herança familiar”⁸, e algo que contribui de forma indispensável para a reprodução dos grupos familiares e dos modos de vida destes praieiros, bem como afirma Ramalho (2012) ao dissertar sobre o tema:

“O pescador é sempre resultado de várias gerações, de ancestralidades corporificadas em suas técnicas (manejo das águas, das armadilhas e do barco) e formas de sociabilidades repassadas, aperfeiçoadas e constantemente renovadas nos campos material e simbólico, que são também patrimoniais” (RAMALHO, 2012, p.19).

Como destacou o autor, em debate sobre o sentimento de corporação e cultura do trabalho pesca artesanal em uma comunidade pesqueira do litoral nordestino:

“(...) As formas tradicionais de trabalho assentadas na lógica da companha ou regime de parceria são, de maneira geral, as regras socioculturais de organização do trabalho na pesca artesanal em diversas localidades brasileiras (...)” (RAMALHO, 2012, p. 8-9).

Portanto, defino a pesca artesanal com base em Ramalho (2012, p. 14) “como uma cultura do trabalho artesanal, em meio ao qual a vida individual e comunitária ganha forma, conteúdo e razão de ser”. É uma atividade produtiva que promove etno-relações importantes para o desenvolvimento sociocultural de povos e comunidades tradicionais com importantes saberes acumulados e pertencimento. Desse modo, as memórias de marés são narradas, ao longo dos anos, por quem possuem o sentimento de pertencimento com o mar, e, juntos dialogam com múltiplas vozes de experiências das águas que demarcam o cotidiano, espacialidades e temporalidades diversas.

(...) “NESSE TEMPO TINHA MUITO CURRAL” ...!

As consequências do capitalismo na Amazônia são bastante expressivas, geram desse modo impacto nos âmbitos sociais, econômicos, ambientais e principalmente políticos em comunidades costeiras,

8 A transmissão do conhecimento tradicional que é repassada principalmente ao filho mais velho.

provocando transformações em seus modos culturais e suas técnicas tradicionais de pesca a partir da modernidade, gerando mobilidades de praieiros para outros territórios (SILVA, 2014). Com isso, práticas antes presentes com muita força em territórios costeiros estuarinos, são aos poucos substituídas por outras com teor mais tecnológico (DIEGUES, 2004), deixando os modos tradicionais de produção amarradas em memórias de pescadores antigos.

Nesse tempo tinha muito curral, curraleiro, os currais na época do peixe, eles fechavam os currais para ver se conseguiam sossegar, por que eles não venciam o tanto de peixe que dava nesse tempo, mês de maio, junho e julho, era esses meses que dava mais o peixe, e o movimento era maior, nesse tempo o movimento crescia na Coroa Comprida (DIORÓ, 2021).

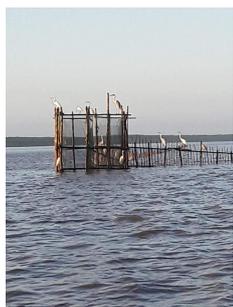
O praieiro traz em seu relato, fatos de meados da década de 1970, quando ainda habitava na antiga praia de Coroa Comprida⁹. Havia uma significativa produtividade de pescados nesse período, como ele narra "(...) tinha gente que dormia no monte de peixe, cochilando por que não dava pra descansar, dormia por que passava noites e noites tratando de peixes". O interlocutor Dioró, diz que no período de "fatura" do pescado a principal técnica de pesca era o curral, uma vez que existiam muitos "curraleiros", como eram conhecidos os pescadores que utilizavam essa técnica. Este nos remete a um passado onde os currais muitas vezes eram fechados para descanso dos pescadores curraleiros.

Verissimo (1970) coloca o processo de pesca de curral como a retirada dos peixes na maré baixa, quando as marés recobriam a armadilha, os peixes se aprisionavam, e na "baixa maré", aconteciam a despescas. Nascimento (2012) demonstra esses currais como armadilhas fixas com mourões, varões e varas estrategicamente implantados no solo, onde os peixes são cercados, aprisionados, e removidos na maré baixa. Para Rosa (2007, p. 116) o curral:

Constitui-se em uma armadilha fixa, composta por uma ou duas fileiras de varas formando o que localmente é chamado de "espia", servindo para condicionar o deslocamento dos peixes na água para um segundo compartimento do curral, formado por uma cerca de varas em formato variado.

As colocações de Verissimo (1970), Nascimento (2012) e Rosa (2007) podem ser observadas nas figuras (1 e 2), que apresentam como a armadilha é construída a partir dos elementos naturais dos espaços marinhos,

Figura 1: Curral de pesca na maré cheia



Fonte: Amorim, 2021.

Figura 2: Curral de pesca na maré seca



Fonte: Amorim, 2021.

levando em consideração inclusive pontos de pesca antigos, identificados pelos praieiros como pesqueiros.

Por tanto, Maneschy (1995) expõe que o Curral é uma técnica que se diferencia de outras, uma vez que, tem um período de construção e produção relativamente longo, pois há um longo processo de "maturação" do investimento, os curraleiros acabam se deparando atualmente com uma desvantajosa comercialização de seus produtos. O que antes era vantajoso por conta da grande produção que se conseguia com a armadilha, hoje não se tem tanto êxito.

Os praieiros narram que em meados de 1970 pouco se usava a tecnologia na construção dos currais, era na força física que a arte acontecia. Faziam-se mutirões de pesca, firmando compromisso entre eles para se

9- Antiga praia onde habitavam os praieiros em 1970, tendo que migrar para a comunidade de Perimirim por causa do intenso processo de erosão que a região costeira sofreu.

construir a armadilha, quando um participava na construção do trabalho do outro, era quase que obrigatório por agradecimento contribuir quando seu companheiro solicitava a construção do seu.

Esses destacam que eram de quatro a cinco homens para enfiar a madeira no solo, quando era difícil principalmente na areia, faziam um “macaco” e pendurava-se dois homens em cima e o resto ficava balanceando. Técnicas usadas de forma tradicional muito diferente dos dias atuais, visto que, todo esse processo é realizado através de um motor. Ainda com as dificuldades na construção da armadilha de pesca, havia uma significativa produtividade de pescado resultado da técnica de curral. Seu Mendes descreve como se dava esse processo:

(..) era no musculo mesmo 4 ou 5 machos no pau quando era ruim de enfiar ainda fazia um macaco pendurava dois machos lá em cima e o resto aqui balanceando. Hoje em dia um motorzão com uma vara soca daqui acola, só agarra o pau e “chuc”, já trabalhei muito, estraguei muito minha força trabalhando com curral, mais hoje em dia é assim, não tem mais curral!

As informações coletadas nesta pesquisa sobre a pesca de curral nesse período, nos provoca a imaginar como era viver no passado na comunidade de Perimirim na região costeira de Urumajó. Esse modo de trabalho se dava porque nesse tempo o principal processo de beneficiamento do pescado era a salga, sendo de baixo custo e grande durabilidade, visto que, o acesso a técnicas de conservação com uso de gelo, eram bem mais difíceis (VERISSIMO, 1970; FURTADO, 1990; MANESCHY, 1995).

Essas mudanças na utilização da técnica se deram por dois fatores: as novas normas legais para a construção da armadilha, pois, o uso do curral tradicional não seleciona o pescado por tamanho ou tipo, e o outro ponto para os praieiros mais relevante, é a perda da identidade do compadrio na construção dos currais, assim como a inserção do gelo. Como relata o praieiro João Mendes:

Aqui no local não tem mais ninguém que tenha curral, é somente a pescaria de rede e espinhel, antigamente tinha curral, acabou-se os “homi” que tinham coragem de fazer curral, dar um trabalhinho, pra quem gosta de trabalhar não é pesado, mais pra quem não gosta acha difícil, eu por que me criei no serviço de curral, e nesse tempo o serviço era pesado, era só braçal mesmo, hoje não, até pra enfiar o morrão tem o motor pra cavar, o serviço é só carregar e enfiar no buraco (MENDES, 2019).

O transporte do gelo até a comunidade, se dava por embarcações, pois, não havia estradas, e nem todos os praieiros possuíam barcos com armazenamento, muitos tinham apenas canoa ou “curicacas”, por isso a presença da salga nessa região era tão intensa e tinha peso de mercado que atraía fornecedores de outros estados, principalmente do Maranhão-MA e do Ceará-CE. Esse cenário é expressivo também na fala do praieiro João Mendes.

(...) Inverno, nessa época chegavam oito dez barcos do maranhão chegavam só de uma porrada, era muita animação. Chamavam aqui de garimpo por que rolava muito dinheiro, saiam esses barcos juntos para o maranhão pescar, chegavam com 20 dias, 25 dias, tudo chapado do peixe seco, era muito dinheiro, fazia muito dinheiro. Fazia três dias que eles chegavam era pra ver o “gorozar”¹⁰ correndo solto, passavam 15 dias, 20 dias pra poder sair de novo, era assim que era a vida, hoje em dia não existe mais isso, é diferente.... (MENDES, 2019).

As narrativas dos praieiros sobre suas experiências de vida nas marés demonstram que essas vivências, tem lhes proporcionado à possibilidade de conhecer técnicas, espécies e processos naturais de identificação do espaço para a pesca e dos horários de pescar, e inclusive onde construir seus currais.

No desenvolvimento da pesca de curral, os curraleiros, utilizam os conhecimentos tradicionais do Saber-fazer da pesca artesanal que segundo Diegues (2001) esse é o saber acumulado das populações tradicionais, quanto aos ciclos naturais das espécies, o período favorável para caça e pesca e a relação da natureza quanto ao uso dos seus recursos naturais, apresentando assim características culturais que evidenciam sua vivência e sua relação homem-natureza, em um processo de construção do cotidiano local.

Os praieiros aqui apresentados apreenderam a pescar com seus pais ou avôs, alguns desses são

reconhecidos como mestres de pesca e o legado eram sempre passados para um dos filhos, até chegar à geração atual, geralmente o filho mais velho. Como expõe o interlocutor ao rememorar sua infância:

“Já pescava com meu pai por dentro do rio, de canoa na época, canoa a vela, pescava pelos rios e canal mais perto. Na pesca artesanal mesmo! Era canoa á pano, não era motorizada, canoa a vela mesmo! A rabeta foi algo de agora, depois dos anos 90” (CURICA, 2021).

A partir da narrativa é possível compreender que as mudanças e os avanços tecnológicos foram aos poucos transformando o cotidiano pesqueiro. Assim como Curica, outro praieiro, seu Vavá conta que antigamente os barcos eram de pequenos portes que ancoravam na costa, e atualmente as embarcações são de grandes toneladas, e essas conseguem ir até as entradas de barras, ocasionando a queda dos estoques pesqueiros, pois estes espaços importantes para eles estão sendo exploradas pela pesca industrial e interferindo na pesca artesanal, principalmente a pesca de curral.

Os praieiros Vavá e Curica expõe que, o curraleiro tem tido muitas dificuldades porque pescadores industriais têm apoitado redes nas entradas das barras, capturando em grande quantidade e provocando a mobilidade dos pescadores artesanais cada vez mais para longe, fora do seu território de pesca, os que ainda ficam perto da comunidade, na costa como os curraleiros, acabam tendo pouca produtividade com os currais.

Essa mobilidade cada vez mais longínqua do pescador é fruto das inovações tecnológicas da pesca e tem contribuído para que a pesca industrial alcance cada vez mais mercados (DIEGUES, 2004). A tecnologia pesqueira tem provocado transformações no modo de ser e se fazer a pesca artesanal, resultado de uma modernização da atividade pesqueira (SILVA, 2014), percebida pelos próprios pescadores:

Devido à pesca ter modernizado hoje já se baseiam no aparelho né, naquela época era na experiência, eles tinham todo o contexto de onde era bom para botar o curral, botar espinhel, bota rede, todos já tinham a base (CURICA, 2021).

Os avanços tecnológicos da pesca aos poucos provocam a diminuição de técnicas ancestrais como a pesca de currais, bastante praticada na região da costa de Urumajó em meados da década de 1970 até 2000, e atualmente pouco é praticada, percepção dos praieiros ao citar seu olhar sobre a paisagem atual da costa, mas que segundo os relatos desses, era a principal pesca praticada no período de povoamento da região costeira.

É nessas narrativas que se identifica o curral de pesca como um patrimônio simbólico transferido aos grupos familiares por gerações através das memórias, promovendo a atividade como uma importante fonte de alimentação e renda para esses praieiros, pois as práticas sociais da pesca artesanal constituem culturalmente os habitantes das águas da região da Amazônia Atlântica Brasileira a partir das suas identidades.

(...) “QUASE TODO PESCADOR TEM SEU RANCHO” ...!

As regiões costeiras do Brasil são impactadas por questões políticas e ambientais que fogem de anseios e vontades de praieiros como os da costa de Urumajó. O processo erosivo na costa e a diminuição dos estoques pesqueiros forçaram esses a usar os espaços que antes eram locais de moradia como pontos de pesca, constroem ranchos próximos aos pesqueiros à beira de mangues, na praia ou no próprio mar para facilitar o descanso nos intervalos das marés.

Esses ranchos são habitações temporárias, construídas em pontos estratégicos das praias ou na linha litorânea [...] é nesse tipo de construção que os pescadores se acomodam sazonalmente para as pescarias. Muitos levam a família, e lá se acomodam durante a temporada da pesca de peixe (NERY, 1995, p. 215).

Essas características na costa de Urumajó nas minhas observações dá lugar a uma nova territorialidade social, construída pelos pescadores praieiros. Reflito através do olhar da paisagem sob os olhos dos interlocutores, que esses ranchos são importantes, porquanto a pesca nessa região se caracteriza por pescadores de temporada que vivem de uma a duas semanas entre praias e ilhas, que utilizam técnicas tradicionais de pesca e conhecem os pesqueiros.

Portanto, as descrições dos ranchos na costa de Urumajó (figura 3 e 4) são identificadas nas falas dos

pescadores durante a entrevista, com destaque a do praieiro Curica:

Uns prefere um local que fique mais dentro da água, faz aquele rancho alto, já outro prefere onde tem areia, faz o rancho baixo na areia (...) na areia você pode fazer um fogo, pelo menos pode cavar pelo menos um pocinho para o cabra tomar banho, pra lavar alguma coisa, (...) a maioria prefere onde fica lá no meio da água, da água, eles acham que é melhor pra embarcar, agora é por preferência, eu prefiro fazer rancho mais onde tem areia (CURICA, 2021).

Os relatos do interlocutor, é corroborado com base na pesquisa de Rosa (2007), ela identificou em seus estudos, nessa área que a escolha dos locais para a instalação dos ranchos não se dá de forma aleatória, são erguidos próximos de pontos piscosos, percepção adquirida no fazer cotidiano. Com isso, não é em todo ponto que é favorável a construção de um rancho de pesca pois buscam sempre a companhia de outros pescadores

Figura 3: Rancho de pesca na areia



Fonte: Amorim, 2021

Figura 4: Rancho de pesca na água



Fonte: Amorim, 2021

próximos. Essa ação de os praieiros construírem seus ranchos próximos a outros, justifica Amorim e Campos (2019) trazer a paisagem com uma visão de aglomerado de barracões de pesca.

Esse cenário dar lugar a uma paisagem formada por esses pescadores com características simbólicas dos pesqueiros, configurado a partir do evento de construir e reconstruir os ranchos conforme a movimentação da areia. O movimento natural de surgimento de novos bancos de areia e desaparecimento de outros, leva os pescadores a se mobilizarem, construindo novos ranchos e localizando novos pontos piscosos (ROSA, 2007). É interessante destacar, que esse saber-fazer o rancho de pesca, está vinculado ao conhecimento tradicional e essa construção dos ranchos nos tempos passados, contava com forte presença do compadrio, como narra o praieiro Vavá:

(...) aí nesse tempo tinha os barcos e a gente pescava influído, todo mundo era influído, vamos tirar palha pra fazer o barracão? a gente ia numa ilha do chibé que nos chamava, no Timboteua, tirava palha que vinha dois, três, quatro barcos cheio. Chegava aí e fazia um barracão medonho, todo mundo ajudava era só uma comunidade (VAVÁ, 2021).

Essas características de compadrio asseguravam segundo o praieiro Curica com que quase todo pescador tivesse seu rancho. Atualmente poucos pescadores conseguem ter, os que não têm pedem abrigo em períodos chuvosos ou verão muito intenso. Porque se tem um custo muito alto na construção de um rancho, antigamente era construído em parcerias, e hoje requer a contratação de um construtor local. Por esse motivo, a maioria dos ranchos, localizados na costa, são de pequeno porte, para três ou cinco pescadores no máximo, e não os barracões citados por eles, como eram construídos antigamente.

A partir das memórias desses interlocutores, percebe-se que os ranchos eram importantes símbolos de companheirismo e ajuda mútua no passado, e exerciam influências no saber-fazer dos pescadores atuais da comunidade, pois, conforme a pesquisa de Amorim e Campos (2019) a pesca no território da costa de Urumajó se caracteriza por pescadores de temporada que vivem de uma a duas semanas entre praias e ilhas, que ainda utilizam técnicas tradicionais de pesca e conhecem os pontos ou pesqueiros e passam a temporada em

ranchos.

Compreende-se que o uso do rancho é parte importante na pescaria, visto que, é onde o pescador artesanal encontra abrigo para seu descanso e muitas vezes traz a família para a temporada de pesca ou lazer. Deparando-se com essas características, são perceptíveis os traços peculiares na questão cultural e social amazônica. No tocante, as representações e relações sociais da pesca e o uso dos recursos naturais e do território pelos praiheiros nos permite, por um lado, compreender como esses segmentos sociais da Amazônia pensam e agem, através de sua cultura material e imaterial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo expôs que a pesca artesanal ultrapassa os aspectos econômicos, sociais e culturais de pescadores e pescadoras que tem sua relação com seu espaço de produção, como uma identidade de praiheiro que fortalece seu simbolismo e sua vivência, sendo os currais e os ranchos elementos culturais e identitários de práticas socioculturais em seu território, fortalecendo a construção de histórias a partir das memórias de marés.

A etno-relações dos cinco interlocutores apresentados nesse trabalho, com seus pesqueiros, sua comunidade e sua vida praieira é parte da história desses e tem provocado seu pertencimento. Cria-se assim, um vínculo com seus artefatos de produção e seu território de pesca. Essas etno-relações tecidas no seu local de origem, através das primeiras remadas nas águas das marés contribuíram para a formação sociocultural desses praiheiros, que por necessidade social se mobilizaram para pesqueiros diferentes do seu habitual, modificando seus modos de vida ao longo dos anos, afastando as novas gerações da atividade da pesca, e muitas vezes essa atividade se tornam parte somente das memórias dos mais envelhecidos.

As influências globais tecnológicas tem sido um dos grandes causadores desse processo, provocando não só o afastamento da atividade pesqueira, mas, do próprio território. Um dos motivos é a diminuição dos estoques pesqueiros e aumento do custo de vida na comunidade, que provocou a busca por emprego nas cidades, muitas vezes fora de sua realidade cultural, e da pesca artesanal. Porém, para os praiheiros que ainda desenvolvem a atividade pesqueira, a pesca artesanal tem uma significância muito grande, está enraizada em suas vidas. Embora a idade avançada, pescar para eles é algo muito presente, a cultura da pesca está no sangue que impulsiona à vontade de pescar desses. Pois, esses praiheiros mesmo aposentados não ficam sem apetrechos de pesca ou um rancho nas praias perto de pesqueiros.

A partir das entrevistas é possível perceber que os símbolos como os ranchos e os currais fazem parte de construção não só de historicidade, mais de saberes tradicionais, que apreendem no convívio com a atividade pesqueira, obtendo conhecimentos sobre as espécies de peixes, as técnicas de capturas, os espaços e períodos propícios para a pesca a partir de aspectos culturais, naturais e sociais.

Foi possível identificar na pesquisa que a construção dos ranchos e a pesca de curral é praticada, por técnicas tradicionais herdadas de seus ancestrais que vem passando entre as gerações familiares, assim como artefatos utilizados em outras atividades de pesca, evidenciam um simbolismo de influências pesqueiras percebidas até hoje na fala, no modo de vida, e no cotidiano no qual esses pescadores vivem em comunidade ou no mar, entre ranchos e currais.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. S.; CAMPOS, R. I. R. de. Perspectiva de ecoturismo na ilha de Camará-Açu e a relação de pertencimento do pescador local com a APA da Costa do Urumajó. **RITUR**, Penedo, Volume 9, Número 1, p. 4-26. 2019.
- BAUER, M. W; GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 13º ed. Petrópolis- RJ, 2015. p. 90-111.
- CALVO, C. R. Narrativas Orais, Fontes para Investigação Histórica: culturas, memórias e territórios da cidade. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 42, p. 11-29, jan.jun.2010.

CORDELL, J. **Territórios de pesca localmente manejados no Brasil**. Tradução Antonio Carlos Sant'Ana Diegues, FAO, p. 1-34, 1983.

CUNHA, M. C. da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Conferência realizada na reunião da SBPC**, em Belém, 12/07/2007. REVISTA USP, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro 2007.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO)**, MG, DOSSIÊ 6, p. 9-25, 2003.

DE PAULA, C. Q. SILVA, C.A. Cartografia(da ação) social como meio de luta por território. In. REGO, N., KOZEL, S. **Narrativas, Cartografias e Geografias: para viver é preciso espaço e tempo**. Vol. 1. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2020. Pp. 95-126.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: NUPAUB – Universidade de São Paulo, 2001.

_____. **A pesca construindo sociedades**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004. 158p.

FURTADO, L.G. Características gerais e problemas da pesca amazônica no Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, serie antropologia. V.6.p. 41-93. 1990.

GARCIA, R. L. **Método, métodos e contra métodos**. (Org.) Editora Cortez, São Paulo, 2003. p. 91-110.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multitransterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. RJ: Bertrand, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Paris-France: Vertice. 1968. 189 p.

HARTMAN, L. **Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. 310 p.

MANESCHY, M. C. **Ajuruteua, uma comunidade pesqueira ameaçada**. Belém: Editora Universitária UFPA, 1995. 167 p.

_____. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goedi**, ser. Anropol. 11(2), 1995

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. 310p.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. de. **História oral como fonte: problemas e métodos**. **Historiae**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MELLO, J. C. de. Águas de Sergipe: rios de memórias, oceanos de patrimônios. **Diálogos**, Maceió/ Alagoas v. 18, n.3, p.1137-1159. 2014.

MENESES, U. T. Bezerra de. A história, cativa da memória? in: Revista Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p.9-24, 1992.

MILANI, S. O. **Bias na representação de assunto: uma Discussão de Oposições Binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD)**. 2014. 136 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP. Marília, 2014.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. ED. Revistar modificada pelo autor. 2ª edição. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1998. 350p.

NASCIMENTO, G. C. C. do. Território e mar: os paradoxos na pesca em "currais" Cabedelo-PB. **Caos**, João Pessoa, n.21, p.165-171. 2012.

NASCIMENTO, J. R. do ; DIAS, E. de C. S. ; SOUZA, T. de J. L. de ; CARDOSO, S. R. P.; BARBOZA, R. S. L.

Técnicas e saberes imbricados na arte da pesca de curral em uma Reserva Extrativista Marinha da Amazônia. **Nova revista amazônica**. Bragança-PA, Nº 7. p. 1-15. 2016.

NERY, A. da C. Traços da tecnologia pesqueira de uma área de pesca tradicional na Amazônia – Zona do Salgado – Pará. **Boletim do MPEG**. Belém-PA. v. 11, n.2, p.183-339. 1995.

PAIOLA, L. M.; TOMANIK, E. A. Populações tradicionais, representações sociais e preservação ambiental: um estudo sobre as perspectivas de continuidade da pesca artesanal em uma região ribeirinha do rio Paraná. **Acta Scientiarum**. Maringá, v.24, n.1, p.175-180. 2002.

QUARESMA, H. D. A. B. **O desencanto da princesa**. Belém-PA. NAEA, 2003. 254p.

RAMALHO, C. W. N. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza-CE, v. 43. p.8 – 27. 2012.

ROSA, B. de N. L. **Somos parceiros?** Representações e relações sociais na pesca em unidade de conservação- Em foco a APA da Costa de Urumajó. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007.

SILVA, C. A. Elementos epistemológicos e metodológicos para geografia das existências. in: SILVA. C.A. Pesca artesanal e a produção do espaço: desafios para reflexão geográfica.1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.171p.

SILVA. T. T. A produção social da identidade e da diferença In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

VERÍSSIMO, J. **A pesca na Amazônia**. Rio de Janeiro: Clássica Alves, 1970. 206 p.